

SONDAGEM DE ALFABETIZAÇÃO: UMA ANÁLISE DAS HIPÓTESES DE ESCRITA

Regina Duarte da Silva Mariano
Aluna do 3ª A do Curso de Pedagogia da FALS.
Orientação: Profª Ms. Eliane A. Bacocina

O presente estudo baseia-se na investigação das hipóteses da escrita que as crianças enfrentam até completar o processo de alfabetização, ou seja, o aprender a ler e a escrever, levando em conta a teoria e o estudo feito por Emilia Ferreiro e Ana Teberosky.

A princípio, causou-me certo desconforto analisar a escrita de uma criança em fase de alfabetização, pois como ainda não leciono, poderia não ter capacidades necessárias para dar um parecer correto, ou não conseguir identificar a hipótese que realmente a criança se encontra. Porém, a análise do livro PSICOGÊNESE DA LÍNGUA ESCRITA, fez-me perceber a importância de conhecer este processo de alfabetização e aguçou ainda mais a minha curiosidade e vontade de alfabetizar uma criança, pois acho que alfabetizar uma criança é fazê-la feliz.

Sendo assim, segue, como foi solicitado, a análise de uma futura profissional da área do ensino infantil, ávida em desvendar os mistérios da alfabetização.

1. PSICOGÊNESE DA LÍNGUA ESCRITA

Emilia Ferreiro, uma Argentina radicada no México que fez doutorado na Suíça sobre a orientação de Jean Piaget cuja teoria está centrada no desenvolvimento natural da criança, e Ana Teberosky, uma pedagoga espanhola, desenvolveram juntas o livro PSICOGÊNESE DA LÍNGUA ESCRITA, que traz no seu conteúdo a teoria de Emilia Ferreiro a qual afirma que, as aprendizagens das crianças são construídas por si só e seguindo suas próprias metodologias, teoria esta que fez mudar a visão nas práticas escolar de ensino, pois se refere a uma descrição do processo da escrita e como este se constitui em objeto de conhecimento para a criança. Emilia Ferreiro revolucionou as práticas escolares, invertendo as perguntas de “como alfabetizar as crianças?”- para “como as crianças aprendem?”.

Este livro foi escrito há mais de trinta anos e nele está documentada uma investigação feita com crianças de classe social baixa e média todas moradoras da Argentina, pois Emilia Ferreiro acredita que o conhecimento das letras é feito por meio da transmissão cultural e que as crianças não aprendem por si só. Esta pesquisa teve como objetivo descobrir qual o caminho percorrido pelos pequenos, para a construção do saber ler e escrever, e para obter resposta para esta pergunta as autoras criaram situações experimentais.

Nestas situações experimentais as autoras apresentaram às crianças (que ainda não conseguem ler), diferentes cartões contendo letras isoladas ou com várias letras, com números e letras ou apenas números e pranchas com figuras e letras, para que as mesmas tivessem como tarefas constatar o que servia e o que não servia para ler, assim foi possível constatar que para as crianças existem critérios nas classificações de leitura.

- Quantidade suficiente de caracteres. (as palavras que tem muitas letras servem para ler, e as que têm poucas letras não servem para serem lidas).
- Variedade de caracteres. (as palavras com letras iguais não servem para ler, e as que não têm tantas letras iguais servem para serem lidas).

A partir destas análises, as autoras nos mostram neste livro o quanto o processo de aquisição da letroescrita é complexo, pois engloba várias dificuldades que os pequenos enfrentam tais como; distinções entre números, letras e números, o reconhecimento de desenho e texto, o reconhecimento e a nomeação das letras.

Segundo Emilia Ferreiro e Ana Teberosky, no processo de aprendizagem quem aprende pensa "sobre a escrita que existe em seu meio social e com a qual toma contato através da sua própria participação em atos que envolvem o ler ou escrever, em práticas sociais mediadas pela escrita".

Portanto, as autoras demonstraram nesta pesquisa que as crianças associam seus saberes adquiridos antes da escola (na sua vivência) com os conhecimentos que estão sendo ensinados, e que a construção do conhecimento para a alfabetização acontece por meio de hipóteses sequenciais, por nós conhecidas como fases ou níveis da alfabetização.

1.1 FASES DO DESENVOLVIMENTO DA ESCRITA

Nível 1. pré-silábica: Neste nível a criança não diferencia uma letra da outra e usa “rabiscos” semelhantes para todas as palavras, demonstrando a intenção da escrita, sendo que a única indicação do que está escrito é a leitura feita pela própria criança, assim nesta fase cada um só pode “ler” a sua própria escrita, pois não é estabelecido um vínculo entre fala (som), e escrita.

Nota-se neste nível que a criança coloca vários grafismos para representar palavras cujo objeto referente seja grande, e menos grafismos para representar objetos menores, ou seja, se pedir para uma criança representar a palavra “gato” ela irá representar com vários grafismos, já “formiga” ela representará com menos grafismos, pois ela associa a palavra ao tamanho do objeto, também se pode notar que para a escrita a criança sente a necessidade de vários caracteres e começa acentuar a necessidade das suas variedades.

Nível 2. intermediário silábico: A criança tem a intenção de diferenciar os grafismos, pois percebe que para ler coisas diferentes deve escrever coisas diferentes, e por ainda conhecer poucas letras ela varia a ordem das mesmas, respeitando ainda as duas hipóteses:

- A quantidade mínima de caracteres que não pode ser inferior a três letras.
- E as variedades entre as mesmas, que não podem ser repetidas.

Nesta fase a criança geralmente já aprendeu a escrita do seu próprio nome (aprendeu copiando de um modelo), o que traz um aspecto negativo e um positivo: o primeiro e que a criança pode achar que só escreve copiando, e o positivo e que esta aprendizagem ajudará a criança a descobrir novas escritas usando as letras do nome em outras tentativas de escritas, ou seja, combinando as poucas letras conhecidas.

NÍVEL 3. Hipótese silábica: Neste nível a criança atribui a cada letra o registro de uma sílaba falada, supondo que cada letra escrita representa um som, neste momento a criança entra em situação de conflito, pois ao tentar escrever palavras curtas como “mar” e “barco” a escrita teria caracteres em número menor de três letras, o que para criança é inaceitável, pois uma palavra nestas condições não serviria para ser lida conforme a sua primeira hipótese de quantidade mínima, e para resolver esta contradição à criança acrescenta letras que mesmo não tendo um valor

sonoro para ela, serve para completar a quantidade que ela considera mínima para uma palavra servir para ser lida.

Ao passar várias vezes por estas contradições a criança finda por abandonar esta hipótese e aceitar a lógica da hipótese silábica, porém ao tentar ler a escrita “padrão” por esta nova hipótese de leitura, as crianças percebem que sobram letras o que as obriga caminhar para uma nova hipótese a silábico-alfabética.

Nível 4. Hipótese silábico-alfabética: Fase que a criança passa por uma transição, pois ao passar da hipótese silábica para a alfabética a criança começa a progredir na compreensão do sistema da escrita, compreendendo que a escrita e a representação da fala.

Nas suas produções de escrita à criança já começa a escrever o som da própria fala, ou seja, o som representa mais de uma letra, porém ainda aparecem sons apresentando apenas uma letra. Nesta fase é essencial e indispensável o acesso à leitura e o acesso às informações fornecidas pelo meio, que segundo a pesquisa de Emilia Ferreiro é mais frequente para as crianças de classe média.

A autora deixa claro que estas condições são necessárias para que as crianças avancem para o próximo nível alfabético, pois com a leitura (modos de interpretação da escrita), a criança aprende o valor sonoro convencional das letras, assim a criança pode progredir no desenvolvimento da escrita e partir para o próximo nível o alfabético.

Nível 5. Hipótese alfabética: Finalmente a criança descobre a escrita, compreendendo que todos os caracteres escritos correspondem a um som, portanto seus valores sonoros são menores que uma sílaba e se para pronunciar a palavra abre-se à boca apenas duas ou três vezes precisará mais caracteres escritos, ou seja, a criança enfim compreende a construção do código da escrita, porém falta a dominação ortográfica, que será superada com as informações de pessoas já alfabetizadas.

2. SONDAGEM DA ESCRITA

A sondagem é uma ferramenta para o professor alfabetizador, pois permite que identifiquem em que nível da escrita à criança se encontra, é uma forma do professor avaliar para

poder intervir. Com a sondagem o professor consegue compreender as manifestações e as hipóteses construídas por seus alunos.

“A avaliação é uma ferramenta da qual o ser humano não se livra. Ela faz parte de seu modo de agir e, por isso, é necessário que seja usada da melhor forma possível”. (Luckesi, 2005, p. 118).

Portanto, para um professor fazer uma sondagem ele precisa conhecer as hipóteses da escrita e fazê-la periodicamente para acompanhar a evolução da criança.

De início a sondagem deve ser feita com a escrita espontânea do aluno, assim o professor consegue identificar quais os conhecimentos que o aluno possui das letras, e em qual hipótese o mesmo se encontra sendo elas; pré-silábica, intermediário-silábica, hipótese-silábica, silábico-alfabética, e hipótese-alfabética, que foram explicadas anteriormente.

2.1 EXEMPLOS DE COMO DEVE SER FEITA UMA SONDAÇÃO

Para se fazer uma sondagem é preciso ser escolhidas palavras do mesmo campo semântico, seguindo a seguinte ordem; uma polissílaba, uma trissílaba, uma dissílaba e uma monossílaba.

Após a escolha das palavras, deve-se pedir para que os alunos escrevam uma frase também do mesmo campo semântico em que uma das palavras escritas antes apareça.

Podem ser feita lista de animais, partes do corpo, flores, festas entre outros.

- palavra polissílaba - ELEFANTE
- palavra trissílaba - BARATA
- palavra dissílaba - GATA
- palavra monossílaba - CÃO

Pode ser criada a seguinte frase: O ELEFANTE MORA NO CIRCO.

O papel do professor é intervir pedindo para que o aluno escreva da maneira que souber e que leia o que está escrito apontando com o dedo a forma que está lendo. Desta maneira o professor terá material para refletir e perceber em que hipótese da escrita está a criança.

Segundo Emilia Ferreiro, ao perceber em que fases da escrita se encontram seus alunos, o professor deve formar no ambiente das aulas grupos com hipóteses próximas, pois assim aconteceu o desequilíbrio, o qual a criança percebe seus “erros” e por meio da assimilação e acomodação, encontra-se o equilíbrio até chegarem à fase da escrita alfabética.

3. PROPOSTA DE SONDADEM PARA CRIANÇAS EM NÍVEIS DE ALFABETIZAÇÃO

Para fazer a minha sondagem, segui os passos de Emilia Ferreiro e escolhi palavras e frases simples do mesmo campo semântico para não confundir a criança.

- **Partes do corpo**

SOBRANCELHAS

CABEÇA

BRAÇO

PÉ

- **Frase**

EU CAÍ E QUEBREI MEU BRAÇO.

- **Alimentos que as crianças gostam**

MACARRONADA

BANANA

CAFÉ

PÃO

- **Frase**

EU ADORO BANANA.

4. APRESENTANDO A ESCRITA

VINICIUS, 7 ANOS

SOBRANCELAS

CABSA

BRASO

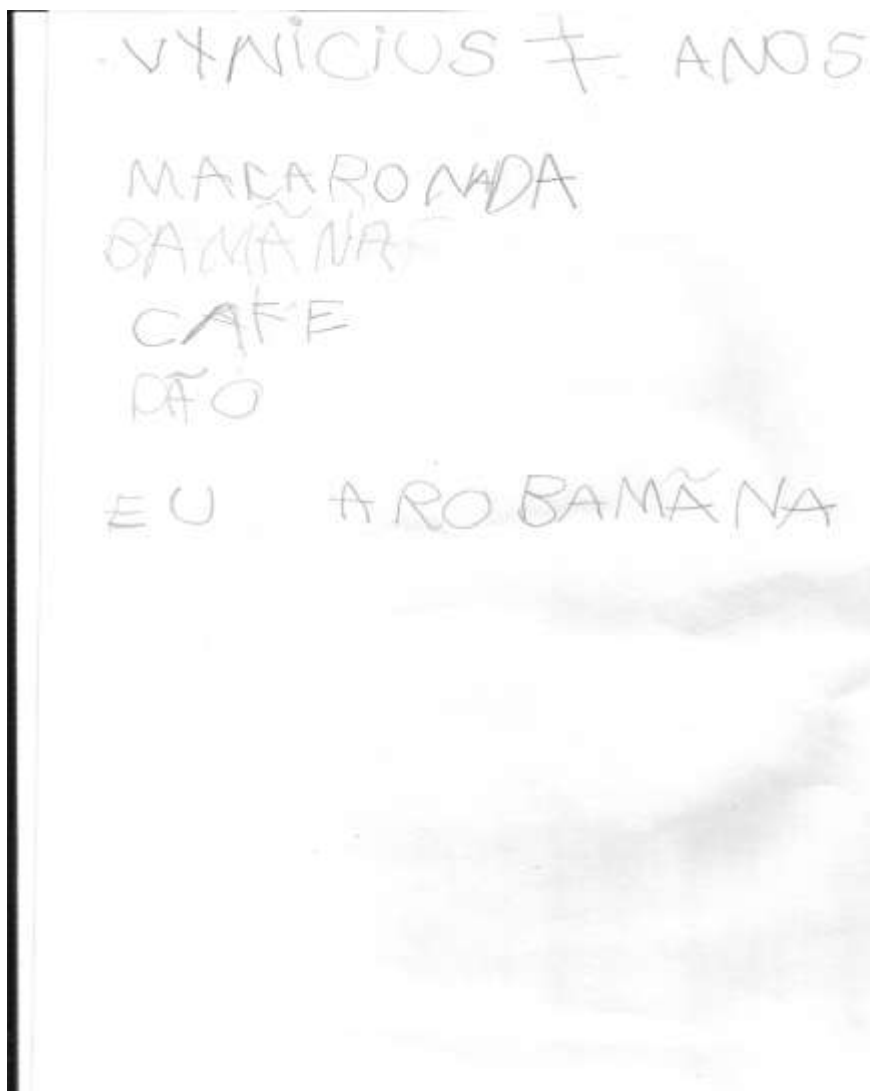
PÉ

EU CAI I O BRAÇO
MEU BRASO

Ao escrever estas palavras e esta frase a criança que tem sete anos, sete meses e vinte e sete dias fez os seguintes comentários;

- E do nosso corpo?
- Como que escreve (pé)?
- Hei! o meu braço esta quebrado está falando de mim.

Observei que a criança estava ansiosa para saber se estava escrevendo “certo” ou “errado”, esta ansiedade me pareceu prejudicial para a mesma, pois ele demonstrou ter medo de escrever e errar. Ao elogiá-lo, dizendo que ele estava indo bem, ele me respondeu da seguinte maneira; “Sou um pouco desastrado mais eu sou inteligente (num) é tia”.



Neste exemplo, a criança perguntou se poderia copiar a palavra “anos”, olhando pela outra sondagem, pois tinha esquecido como se escrevia. Ao fazer esta pergunta percebi que anteriormente ao falar para ele escrever sua idade, propus que ele falasse antes de escrever e procurasse ouvir o que estava falando, e novamente nesta sondagem ao observar esta dificuldade, eu pedi para que fizesse o mesmo, assim pareceu-me que ficava mais fácil para ele.

5. ANALISANDO A ESCRITA

Fiz a sondagem com um único garoto que tem sete anos e está na primeira serie (2º ano).

Analisei que o mesmo se encontra em uma fase de transição da hipótese-silábica para a hipótese silábico-alfabética, pois observei algumas características que me permitem esta afirmação.

Em algumas palavras tais como; cabeça, banana e quebrei que ele escreveu da forma que se encontra entre parênteses (cabsa), (bamana), e (rqbre i), nota-se que a criança representa alguns sons da fala usando apenas uma letra, relacionando apenas a uma determinada parte da palavra, e em construções como; café, ele representa perfeitamente os sons da fala, portanto a escrita desta criança ainda não é considerada socializável, porém já demonstra que a criança começa a perceber que para representar as palavras não basta apenas uma palavra por silabas, (hipótese quantitativa).

Outras características para a afirmação da hipótese silábico-alfabética são as palavras macarronada escrita por ele (macaronada), e braço escrito por ele (braso), estas demonstra que este pequeno começa a enfrentar a difícil ortografia; escreve-se com s ou c, com um r(erre) ou dois (erres).

Estes “erros” podem levar alguns professores a pensarem que o aluno está com dificuldades de aprendizagem, porém Emilia Ferreiro discorda afirmando que estes considerados “erros” fazem parte da evolução da criança no processo da escrita e estas letras faltantes apenas representam o começo da evolução da criança para a representação dos sons das palavras.

Com a investigação feita a partir desta sondagem também pude registrar que esta criança já tem o conhecimento do (~), acento para representar palavras com sons nasais, pois representou as palavras sobancelhas e banana da seguinte forma; sobrâcelãs e bamãna. Porém este conhecimento não é uma garantia da identificação correta dos sons e das letras, gerando assim os “erros” ortográficos.

No entanto o professor alfabetizador deve estar atento a estas características em especial, pois este deve possuir um conhecimento fonético e fonológico para ter a capacidade de identificar se estes “erros” estão dentro da normalidade desta fase da escrita ou se representa algum distúrbio para a aprendizagem.

6. APRENDIZAGENS E DESAFIOS

Com este trabalho reafirmei as minhas certezas, pois confirmei que a alfabetização é um processo complexo que exige um conhecimento amplo do professor para que este possa aplicar a sua metodologia conforme as especificidades de cada criança, no entanto percebi que não existe um método pronto, pois o processo de alfabetização não é algo fácil, depende da experiência e conhecimentos do professor, e para este processo acontecer com sucesso o professor deve respeitar o tempo de cada criança, porém não deve eximir-se das suas responsabilidades que é ser um mediador do conhecimento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho contribuiu para o meu crescimento como futura educadora, pois me permitiu conhecer as fases da construção da escrita, e analisá-las pela a visão da própria criança, ou seja, percebendo como a mesma ver e sente este processo.

Reafirmei o que já sabia, pois não se trata de algo fácil e não se tem um tempo pré-determinado, e que necessita de professores bem capacitados, pois a falta de conhecimentos por parte de alguns educadores pode destimular a criança, fazendo com que esta não se sinta capaz de aprender.

Neste processo a criança deve ser o centro das aprendizagens e o professor tem como papel ser seu mediador, intervindo para ajudar as crianças a construírem as suas hipóteses e gradativamente superá-las de tal maneira até serem alfabetizadas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFICAS

- FERREIRO, Emilia e TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da língua escrita**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.
- LEMLE, Miriam. **Guia teórico do alfabetizador**. Ed. Ática, 2003.
- LUCKESI, Cipriano Carlos, **Avaliação da aprendizagem escolar**, São Paulo, Cortez, 1996.

* Atividade realizada na disciplina “Práticas Pedagógicas III”, no 2º semestre de 2011.



Periódico de Divulgação Científica da FALS
Ano VI - Nº XIII- JUL / 2012 - ISSN 1982-646X
